

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.002

A ONDA MARROM CHEGOU NA ESCOLA: FASCISTIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE BOLSONARISMO

LAÍS VICTÓRIA SANTANA

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, lais.santana06@gmail.com.

RESUMO

Tendo como cenário os impactos da crise política que assombra o Brasil dos últimos 20 anos, nosso estudo dedica-se ao avanço da extrema direita ultraconservadora sobre a Educação. Com a agenda dos retrocessos nos assuntos educacionais, atribuímos à gestão de Jair Bolsonaro (2018-2022) como neofascista. Para construir essa ideia, procuramos identificar o conceito de fascismo. Isso feito, partimos para explicar brevemente a ideia de Revolução Burguesa no Brasil. Partindo de suas contribuições, apontamos como ela se encontra com as características fascistas. Por fim, tal associação nos leva ao bolsonarismo e seus respectivos desdobramentos para a Educação. Com isso, nos concentramos não só no processo que permitiu o agressivo avanço fascista do movimento bolsonarista sobre a Educação. Mas também em reconhecer suas estratégias, para que assim possamos combater seu avanço. Como metodologia de trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica. Por entender que nosso objeto se desenrola tanto em âmbito político e econômico, adotamos a concepção gramsciana de "Estado Integral". Nela a atuação da sociedade civil e da sociedade política estão conectadas pelo par dialético das estruturas e superestruturas. Como é o caso da fascistização da Educação sob a política do bolsonarismo, e seu respectivo amparo da sociedade civil. Como esse estudo compõe uma dissertação ainda em construção, as conclusões são parciais. O fato de analisarmos um contexto que estamos inseridos, também deve ser levado em consideração. Contudo, como resultado parcial mapeamos as estratégias utilizadas pela extrema-direita para ganhar espaço, através dos aparelhos privados de hegemonia, sobre a elaboração de políticas educacionais. Visto

isso, diante da ofensiva do capital sobre a educação, sobretudo a pública, consideramos este trabalho uma forma de resistência, assim como de combate. Pois uma vez que conhecemos a gravidade dos ataques contra a educação pública, laica e democrática, a luta por uma sociedade antifascista aumenta seu potencial de sucesso.

Palavras-chave: Educação, Neofascismo, Bolsonarismo, Conservadorismo.

INTRODUÇÃO

Se os últimos vinte anos da vida política brasileira fosse transformado em um filme do tipo “baseado em fatos reais”, ou em um daqueles episódios de retrospectiva de final de ano, de certo se trataria de um trabalho árduo para sua produção. Isso devido a dificuldade que se encontraria de fazer um recorte dos momentos cruciais que justificam a crise política que vivemos.

Por compreender que tal crise é, no mínimo, um desdobramento de uma crise econômica, consideramos, enxergar esse cenário sob a ótica do Estado Integral, elaborada pelo filósofo sardo Antonio Gramsci. A partir desta perspectiva, que concebe a relação dialética entre sociedade civil e sociedade política como sua estruturante, depreendemos a disputa hegemônica como fio conector entre esses dois pólos. Tal comparação é passível de ser feita, pois é a na articulação de diferentes forças políticas e sociais, que buscam impor sua visão de mundo e seus interesses como dominantes, que a luta por hegemonia conecta tanto a sociedade civil como a política, já que cada uma busca dominar a outra e vice-versa.

Contudo, o acirramento dessa disputa, causa tensões intra e extraclasse que propiciam o surgimento de novos blocos de poder, em resposta ao bloco de poder vigente. É diante dessa conjuntura que a ascensão da extrema direita e o fascismo ganha capilaridade no cenário político-econômico do Brasil do tempo presente.

Tendo em mente que essas correlações refletem diretamente sobre o modo de existir dentro desse cenário que se tenta impor, consideramos pertinente avaliar os impactos dessas relações para o cenário educacional do país. Sendo assim, o objetivo aqui é o de explorar as concepções conservadoras e fascizantes que têm se expandido, evidenciando a característica fragilidade da democracia brasileira. À vista disso, nos questionamos quais fatores colaboram para que tais concepções encontrem espaço para se desenvolver, e conseqüentemente, aferir seu impacto para a gestão democrática das escolas.

Considerando o Bolsonarismo como a maior expressão dessa ascensão neofascista na contemporaneidade brasileira, identificamos seu avanço sobre a Educação primeiramente como ataque, mas principalmente como estratégia de fascistização. Já que de acordo com Gramsci, a hegemonia também desempenha uma função pedagógica, através da organização política das classes subalternas e da mediação dos intelectuais orgânicos, que lutam no processo de formação de um novo e superior modelo de sociedade.

Para isso, utilizamos como metodologia os pensamentos gramscianos, que relacionam o Estado, a Economia e a Educação, assim como um breve debate teórico. Para isso, o estudo faz referência a autores como Gilberto Calil (2020), Marcelo Badaró Mattos (2020), Leandro Konder (2009), Florestan Fernandes (2006), entre outros, para se alicerçar. No entanto, é importante ressaltar que a análise apresentada é introdutória e não abrange todas as problemáticas relacionadas à fascistização da sociedade brasileira e seus impactos na Educação, tendo em vista que a mesma ainda está em curso. O que torna complexo aferir precisamente seu alcance e impactos de médio e longo prazo para sociedade brasileira.

FASCISMO(S)

Como primeiro passo para desenvolver a reflexão que propomos aqui, é preciso ter em mente o que compreende o conceito de fascismo. Sendo um dos conceitos mais analisados pela historiografia, o fascismo não pode ser limitado ao contexto histórico das décadas de 1920 e 1930. Mas sim como um fenômeno dinâmico, complexo e multifacetado. Podendo assumir características que não se limitam à violência estatal ou à violência contra a população. Portanto, este fenômeno pode manifestar-se sob novas formas e é aí que reside o perigo para a sociedade atual.

Segundo Konder (2009), na sua forma clássica, o fascismo é entendido como uma expressão política dos direitos associados ao capitalismo em fase monopolista, onde o capital industrial e o bancário se fundem. Portanto, temos o Estado como ator fundamental que apoia a preservação e reprodução do capital e sua concentração. Esta concentração procurada pelo capital financeiro representou uma reação conservadora da direita burguesa à ameaça do socialismo após a Primavera Popular de 1848.

O fascismo tem uma dimensão sócio-política conservadora e proporciona uma fachada oculta de modernização no “melhor” estilo da revolução passiva Gramsciana. Por outras palavras, é uma “revolução sem revolução”, na qual a classe dominante aceita exigências de baixo dependendo da possibilidade de movimentos destrutivos. Isso cria uma falsa impressão de modernidade. No entanto, está a tentar assimilar as massas para restaurar a sua hegemonia. Isto lhe dá a aparência de um restaurador.

Todo este processo de pseudo-simulação baseia-se no pragmatismo radical, que representa a destruição de sólidos fundamentos teóricos. O fascismo adquire seu caráter manipulador através de diversas assimilações conceituais e mitos irracionistas. Além disso, existem, claro, outros aspectos mais óbvios que caracterizam o fascismo, tais como o chauvinismo, antiliberalismo, práticas anti-democráticas, anti-socialistas e anti-trabalhadores. Apesar dessas características generalizantes, o fascismo variou assumindo nuances diferentes, seja no caso italiano, seja no alemão. O que evidencia que seu fortalecimento ou a forma que irá assumir dependem das condições históricas de cada caso. Sendo assim,

mais do que generalizar o significado de algumas características do fascismo, ter sempre bem presentes as características propriamente nacionais, isto é, ligadas aos problemas históricos (econômicos, sociais, culturais e políticos) de cada um dos países em que se registraram movimentos, partidos ou regimes fascistas (Felice, 1978, p.277)

No entanto, mesmo com variações, o fascismo emergiu como um amplo sistema político durante o período entre guerras (1914-1945). O que o historiador Marcelo Badaró Mattos (2020) cunhou chamar de “era dos fascismos”. Todavia, diante da elasticidade e versatilidade do fascismo já mencionadas, Mattos (2020) utiliza o termo “neofascismo” para analisar as mudanças históricas pelas quais o fascismo passou até agora. Sobre o neofascismo, podemos dizer que se insere no contexto da luta hegemônica como uma força que busca conquistar a hegemonia através de discursos e práticas que apelam para o medo, a intolerância e a exclusão de determinados grupos sociais. Partindo deste entendimento, é pertinente conceber que a relação entre o neofascismo e a disputa hegemônica é complexa e está em constante transformação, de acordo com as dinâmicas políticas e sociais de cada contexto histórico.

Ainda assim, ao tecer comparações entre o fascismo e o neofascismo, podemos ver algumas heranças que se mantêm. Como por exemplo, a exploração das massas por mitos nacionalistas criados através da propaganda. Executada por diversos aparelhos privados de hegemonia e intelectuais orgânicos, essa movimentação é crucial na contribuição para a organização e eficácia das reações de direita, conservadoras e moralistas.

Para falar das diferenças, podemos citar como principal mudança, o rompimento com o anti-liberalismo. Pois as políticas neoliberais de não interferência

política na economia deram espaço para novas formas de fascismo. Portanto, o neofascismo não pode ser entendido apenas como de extrema-direita, pois também apoia mercados, iniciativas privadas e individuais, etc. Logo, o neofascismo não é apenas neoliberal, “o novo fascismo é outra face do neoliberalismo” (Lazzarato, 2019, p. 9). E liga-se a ele através da violência que a lógica neoliberal exige.

Tal elo que confere uma nova roupagem a esse “novo” fascismo, funciona também como atrativo que justifica quantitativamente sua ascensão. De acordo com a análise de Michael Löwy (2014), a crise econômica que atingiu o mundo desde 2008, criou um ambiente de incerteza e instabilidade, o que levou muitas pessoas a se sentirem desiludidas e descontentes com os partidos políticos tradicionais. Fazendo com que a extrema direita aproveitasse essa insatisfação e utilizasse discursos populistas e nacionalistas para atrair eleitores.

Por outro lado, Löwy (2014) aponta que a crise não sustenta sozinha a ascensão neofascista, já que em alguns países, como a Grécia, a esquerda radical também obteve um aumento significativo de votos. Além disso, em países que não foram tão afetados pela crise, como a Suíça e a Áustria, a extrema direita também teve um bom desempenho eleitoral. Neste caso, o que poderia colaborar para justificar o fortalecimento de movimentos neofascistas da contemporaneidade seriam os fatores histórico-sociais de cada caso, como já previsto por Renzo de Felice (1978).

Desta maneira, no entendimento de Löwy (2014) determinadas condições históricas pré-existentes fazem com que nenhum grupo social esteja imune à “*peste brune*”¹, ou “peste marrom”, termo utilizado pelos franceses para se referir ao uniforme marrom exército nazista durante a Segunda Guerra. Como por exemplo o racismo, que no caso da ascensão da extrema-direita europeia contagia não só a classe média baixa e os desempregados, mas também grandes sectores da classe trabalhadora e dos jovens.

(NEO)FASCISMO À BRASILEIRA

Falar de fascismo ou neofascismo talvez nos cause uma associação imediata a um contexto europeu, como o analisado por Michael Löwy (2014), por exemplo. Todavia, por mais que associar o cenário brasileiro a um contexto fascista não seja

1 Também chamada de “*Vague Brune*”, ou onda marrom, é o que a França chama de expansão fascista.

uma conexão instantânea, consideramos que este seja um caminho válido para tentar compreender os possíveis paralelos históricos entre o fascismo e o neofascismo para melhor compreender as condições que levaram ao surgimento da extrema direita no Brasil sob o governo de Bolsonaro. Pois, diante da breve explicação sobre o fascismo histórico e seus desdobramentos, vimos o peso do contexto histórico-social para especificar e modelar cada caso. Com isso, vejamos como isso se aplica ao caso brasileiro.

Na trajetória histórica brasileira, podemos apontar dois momentos nos quais o fascismo teve suas principais manifestações. São elas o Movimento Integralista e o Governo Bolsonaro (2018-2022). A respeito de breve apresentação, temos no Integralismo um movimento da década de 1930, inspirado no fascismo de Mussolini, sob a liderança de Plínio Salgado, que tinha como objetivo estabelecer um regime autoritário e nacionalista no país. Para isso, defendia a unidade de todas as classes sociais em torno de um Estado forte, centralizado e com características fascistas como o culto à personalidade do líder, o anticomunismo e a exaltação do Estado. Se diferenciando basicamente pela ênfase na identidade brasileira.

Embora o Integralismo não tenha conquistado poder político, influenciou a sociedade brasileira da época, especialmente nos setores conservadores e nacionalistas. Porém, com o passar do tempo, o movimento perdeu força e caiu em desuso. O que não significa que tenha deixado de existir, tendo em vista a participação² de Plínio Salgado na história política, mesmo após a extinção da Ação Integralista Brasileira em 1937 pelo Estado Novo (1937-1945). Já que teve um certo grau de abertura política durante o regime civil-militar (1964-1985). Em seguida, praticamente desapareceu na clandestinidade após a redemocratização, em 1988.

É importante também, comentar que o integralismo, apesar de existir por muito tempo às sombras da política brasileira, sobreviveu à morte de Plínio Salgado (1975). Pois apesar da penumbra de sua existência, teve como uma importante conquista a chegada do integralista declarado Paulo Fernando Melo da Costa, integrante da Frente Integralista Brasileira (FIB), ao cargo de assessor especial do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, de Damares Alves (Bernardo, 2021).

Já ao que compete ao governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), podemos caracterizá-lo como um regime com tendências neofascistas. Adotando retórica e

2 Sendo candidato à presidência (1955), deputado federal (1959-1974), e forte apoiador do golpe civil-militar de 1964, por exemplo.

práticas autoritárias que atacam a democracia, a imprensa e os direitos humanos. Além de promover políticas conservadoras, como a flexibilização das leis trabalhistas, o que vem agradando e atraindo o elo com grupos de extrema direita. Como é o caso da Frente³ Liberal Ultraconservadora (Colombo, 2018), que possui grande espaço de atuação na gestão bolsonarista.

Com isto posto, é preciso ter cautela ao associar o ressurgimento do fascismo no Brasil, ao governo Bolsonaro. Pois, mesmo compartilhando de muitos princípios e valores, o fascismo integralista e o neofascismo bolsonarista emergem de contextos políticos e históricos bem diferentes. Sendo assim, podemos sintetizar o fascismo histórico brasileiro, inspirado nos casos italiano e alemão sendo apresentado na pele do Integralismo. Enquanto ao neofascismo à brasileira, representado pelo governo Bolsonaro, possuindo características próprias, como o neoliberalismo econômico e a defesa de políticas ultraconservadoras.

A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO BURGUESA NA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA

Esclarecidas algumas das possíveis associações equivocadas que possam ser feitas quando se trata de um tema tão complexo e multifatorial como o fascismo, consideramos como próximo passo compreender como chegamos ao ponto do neofascismo ser frequentemente utilizado para caracterizar os feitos e desfeitos de Bolsonaro no cargo da presidência. Para isso, mais uma vez recorreremos à instrução de Felice (1978) e nos debruçamos sobre os problemas históricos que podem ter colaborado para proliferação do processo de fascistização pelo qual passamos.

Nesse sentido, somos guiados pela seguinte questão: qual a natureza da hegemonia burguesa em um regime autocrático? Considerando o papel da burguesia na consolidação do fascismo, é importante compreender o processo de revolução burguesa como um ponto de partida para entender a trajetória de fascistização no Brasil. Nessa perspectiva, recorreremos às reflexões de Florestan Fernandes (2006) sobre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

3 Entendemos uma "frente" como produto das fissuras causadas pela luta hegemônica dentro de um bloco de poder. No caso da Frente Liberal Ultraconservadora, que nasce dentro da classe burguesa, identificamos sua composição sendo feita por grupos ultraconservadores, ultra liberais e fundamentalistas.

Com base em Fernandes (2006), podemos apontar o processo de transição ao capitalismo no Brasil como tardio, não seguindo o modelo tradicional europeu. A burguesia brasileira se conciliou com os latifundiários, buscando atender aos interesses do mercado externo. Em vez de uma ruptura revolucionária, houve uma recomposição de hegemonia entre a oligarquia e a burguesia, resultando em mecanismos conservadores e autocráticos. Podemos identificar os sintomas do atraso, com a Lei Áurea (1888), que marcava o fim de um sistema de produção que já não correspondia às regras do mundo burguês. A república, proclamada logo depois (1889), significou pela primeira vez a possibilidade de desenvolvimento interno. A partir daí, os cenários começaram a destacar as diferenças e o impacto dos atrasos.

Os impactos podem ser aferidos nas mais variadas esferas, como na política, na sociedade, ou na econômica. Na política, a revolução burguesa produziu uma ascensão da burguesia como classe dominante. Como consequência, obteve o surgimento de sistemas políticos baseados em princípios liberais, como a democracia representativa. Através dela, a burguesia passou a buscar garantir seus interesses por meio do estabelecimento de leis e instituições que protegessem a propriedade privada e promovessem a livre concorrência. Na economia, a revolução burguesa impulsionou o desenvolvimento do capitalismo, por meio da industrialização, comércio e acumulação de capital. Na sociedade, a ascensão da burguesia como classe dominante levou a uma reorganização das relações sociais, pautadas pela liberdade individual, mobilidade social e meritocracia. O que aprofundou a desigualdade social e exploração.

Portanto, diferentemente do modelo clássico do Velho Mundo, a burguesia brasileira não apenas nasceu tarde, mas também sem o anseio de emancipação social do poder oligárquico. Mas sim, com a ideia de usar as desigualdades sociais históricas do Brasil em seu benefício. Desta maneira, não se trata de um conflito entre partes opostas, mas sim de um acordo de interesses formado entre as duas partes. O processo esse, que ao longo do tempo, foi causando um colapso entre as partes e na reconfiguração da hegemonia entre a oligarquia e a burguesia. É justamente nesse tipo de conjuntura de crise política e econômica que o neofascismo brasileiro se manifesta, em que há uma polarização política intensa e uma crescente desigualdade social. Neste contexto, mecanismos conservadores e autoritários originados da oligarquia fundem-se com formas de hegemonia de base burguesa. Para Dinis (2019):

Um Estado capitalista que não tem liberdade para se desenvolver produz na burguesia uma cultura voltada não na luta pela liberdade, mas uma luta para não perder seu espaço de recepção das vantagens vindas dos países hegemônicos. Isso desenvolveu em nossa burguesia uma cultura de ódio a todo processo que pudesse lhe retirar do local de vantagens, é uma burguesia que não luta pela revolução, ela luta para que as coisas permaneçam como estão. (Diniz, 2019, p.78)

Para Fernandes (2006), isso se deve ao caráter antidemocrático como um dos pilares do Estado brasileiro. Essa característica pode ser percebida ao longo de nossa trajetória histórica e política. Partindo de uma independência sem a participação popular, uma Proclamação da república através de um golpe de Estado enquanto o povo assistiu bestializado, como diria Aristides Lobo, as sucessivas ditaduras militares como o Estado Novo de Vargas, e a implantação do regime civil militar em 1964, sendo ambas instauradas também via golpes de Estado.

Talvez o estado de exceção declarado em 1964 seja a lembrança mais clara do momento autoritário do Brasil. Contudo, a proposta de enfatizar o termo “civil” para se referir a regimes que antes eram tratados apenas como regimes militares faz parte de uma historiografia relativamente recente. O movimento é justificado pela contribuição burguesa da sociedade civil para a “suposta” ameaça comunista, que é a base para a justificação do golpe. Esta justificação é na verdade uma resposta preventiva, ou o que Florestan Fernandes chamou de “contra-revolução preventiva”, na qual a violência institucional é essencialmente usada para manter o poder político.

Em nome de garantir a preservação da hegemonia, as táticas burguesas autoritárias acabam colaborando com ideias conservadoras com características fascistas. Ao flertar com o conservadorismo que expressa diversas características fascistas, é importante deixar claro que o fascismo não pode ser considerado uma decisão “racional” do grande capital. Isso porque se trata de um processo constituído por personagens que, embora possuam relativa autonomia, se posicionam como alternativos

Neste contexto, a difusão destes conceitos conservadores e ultraliberais, decorrentes de alianças desesperadas para reter mais espaço e poder político, levou-nos ao governo Bolsonaro e ao seu conservadorismo, mostrando os primeiros sinais de formação de uma onda reacionária, cristalizada no bolsonarismo.

BOLSONARISMO NA EDUCAÇÃO

Se olharmos para o neofascismo como uma reação às consequências das sucessivas crises do capitalismo, vemos nas reformas de Michel Temer talvez não os primeiros sinais fascistas, mas certamente os primeiros sinais mais preocupantes de uma direita ganhando um tom extremado. Pois se o objetivo do fascismo de Mussolini e de Hitler era propor uma terceira via e retardar a ascensão do socialismo, o neofascismo tem por objetivo satisfazer as novas necessidades do Capital. Entre elas podemos citar o afrouxamento das leis trabalhistas, aumento da superexploração do capital e a lógica de “menos emprego x mais trabalho”. Esses exemplos são o principal legado de Michel Temer, que nada tinha a perder ao impor reformas duras a um país que não o elegeu presidente. Isso significava que eles não tinham obrigações para com a democracia e nem com o povo brasileiro.

Face a este cenário de intensificação da política ultraliberal e conservadora, existia uma oposição que a muito vindo sendo desorganizada, e que não representava uma ameaça relevante ao programa conservador de extrema-direita. Com isso, a assimilação fascista estava prestes a aumentar novamente. Nessas circunstâncias, o ex-capitão e ex-presidente Jair Messias Bolsonaro assumiu a presidência por meios democráticos em 2018. Contudo, não foi um discurso democrático no sentido estrito da palavra, marca da sua carreira política. Dada a extensa lista de ocasiões em que discursou publicamente de maneira sexista, xenófoba e violadora dos direitos humanos.

Com uma oratória extremamente violenta que atingia em cheio o âmago autocrático brasileiro, Bolsonaro ganha capilaridade que lhe capacitou a chegar à presidência (Pinheiro-Machado, 2019). São nuances como essa que explicam como Bolsonaro deixou de ser um deputado inexpressivo, lembrado apenas por seus discursos grotescos, para ganhar o apoio da sociedade civil e chegar ao Bolsonarismo. Para Calil (2020), o projeto de fascistização de Bolsonaro é o

baseado no slogan ‘liberal na economia e conservador nos costumes’ expressa o fascismo que instrumentaliza o individualismo, em perspectiva meritocrática e eugenista e que opõe determinados ‘direitos individuais’ à defesa da vida, mesmo em situação de pandemia. As contradições são inúmeras (...) Mas a contradição é intrínseca ao fascismo e o arsenal do negacionismo protege seus adeptos de serem confrontados com ela. (CALIL, 2020, p.118)

Tal proteção é garantida pelo pragmatismo radical em que o bolsonarismo se apoia para justificar todo tipo de conspirações e teorias anticientíficas (Mattos, 2020). Afinal, a fascistização tem de ter algo por que e contra que lutar, mesmo que isso signifique criar os seus próprios inimigos. Como no caso da suposta ideologia de gênero, difundida pelo movimento Escola sem Partido. Com a ascensão de Bolsonaro ao poder, a Educação virou o palco principal de disputa ideológica, se tornando tanto um inimigo de caráter ideológico, como um espaço o qual o bolsonarismo busca avidamente controlar. Adotando uma abordagem neofascista, buscando impor uma ideologia conservadora e limitar a liberdade de ensinar, estudar e aprender.

Desta forma, o governo Bolsonaro estabeleceu uma série de mudanças políticas e ideológicas que buscavam transformar a educação, em aliada, ou pelo menos frear sua oposição ao seu projeto de sociedade. Seus programas educacionais se alinham tão bem com a guerra cultural, própria da fascistização e do bolsonarismo, que como percebemos, seus efeitos se estenderá para além do eixo 2018-2022. Dentre os principais impactos deixado pelo bolsonarismo fascista ao sistema educacional (Leher, 2023), podemos elencar:

1. reestruturação de órgãos e aparelhos estatais, como o MEC, em prol da guerra cultural bolsonarista através da nomeação de aliados em cargos estratégicos;
2. a limitação de presença de estudantes da classe trabalhadora na Educação Básica e Superior. Seja na Educação Infantil, cuja taxa de matrícula caiu aproximadamente 7% nos primeiros dois anos de governo. Seja no Ensino Médio, que vem sendo desorganizado com proposta do Novo Ensino Médio. Seja na Educação Superior, com redução de vagas presenciais visando beneficiar o Reuni Digital⁴, ou aumentando a oferta de financiamento estudantil para classes populares, buscando colaborar com as instituições privadas de ensino;
3. Deslegitimação da escola pública. Seja pela via do homeschooling , que esteve como pauta para os 100 primeiros dias de governo. Seja pela transfiguração da escola pública em cívico-militar, a qual submete alunos

4 O programa busca a expansão da Educação à Distância no Ensino Superior.

- e docentes à supervisão policial. O que colabora para um ambiente de coerção que vai no sentido oposto ao da Educação;
4. Empresariamento da Educação superior, através de programas como o Future-se⁵, e empreendedorismo na Educação Básica com a BNCC;
 5. Esvaziamento do fazer docente. Seja pela desvalorização e reducionismo da formação docente, aos preceitos da guerra cultural, através da BNC-Formação. Seja pela desconstrução da organização coletiva do trabalho docente. O que agrava a precarização do trabalho.

Boa parte desses impactos tiveram como cimento ideológico o Escola sem Partido. Pois, durante a gestão bolsonarista, o Escola Sem Partido, que enquanto movimento, buscava restringir a atuação dos professores e limitar a discussão de temas como gênero, sexualidade e política nas escolas, se tornou política de Estado. O que tem gerado um ambiente de cerceamento da liberdade de expressão e dificultado o desenvolvimento de uma educação crítica e plural, que são elementos cruciais no combate ao neofascismo.

Exercendo uma influência significativa na educação no Brasil antes mesmo da eleição de Bolsonaro, o Escola sem Partido vem defendendo além da oposição da suposta “ideologia de gênero”, uma série de propostas, como a privatização da educação, o incentivo fiscal e bolsas em universidades privadas, o homeschooling, a militarização das escolas.

Com tais propostas o Escola sem Partido mobiliza princípios religiosos, a defesa da família tradicional e a oposição a partidos políticos de esquerda e de origem popular. Sendo esses últimos também enquadrados na lista de inimigos do neofascismo. Assumindo uma postura bélica no contexto de guerra cultural característica do fascismo (Leher, 2023), o Escola sem Partido enquanto ideologia (Colombo, 2018) que rege a Frente Liberal Ultra Conservadora e o bolsonarismo tem buscado - e conseguido- influenciar a formulação de políticas educacionais. Como por exemplo, como a Base Nacional Comum Curricular e a Educação domiciliar.

Tal alcance se deve ao apoio que a ideologia tem conquistado por parte dos setores conservadores da sociedade, incluindo principalmente igrejas

5 De acordo com o site do MEC, o Future-se “busca o fortalecimento da autonomia administrativa, financeira e da gestão das universidades e institutos federais. Essas ações serão desenvolvidas por meio de parcerias com organizações sociais.” O programa se divide em três eixos: a) Gestão, Governança e Empreendedorismo; b) Pesquisa e Inovação; c) Internacionalização.

neopentecostais. A adesão ao discurso do Escola sem Partido e seus desdobramentos para debate educacional se fundem ao que concebemos como um processo de fascistização, no qual a radicalização do discurso que busca impor uma visão autoritária, intolerante e antidemocrática, com o objetivo de reorganizar o poder de forma brutal e negar direitos e liberdades individuais.

No entanto, apesar de ser muito claro a presença da onda marrom no debate educacional do tempo presente, é preciso pontuarmos que o fato de que não termos entrado num regime fascista⁶ propriamente dito sob a direção de Jair Bolsonaro, não nos exime da realidade de estar sob um processo de fascistização. Por isso, no que tange a Educação que é o nosso foco, a fascistização pode ser aferida por meio de diversas medidas já citadas que visam deslegitimar a escola pública, promover a privatização da educação, restringir a liberdade de expressão e impor uma visão única e conservadora de mundo. Sendo portanto uma forma de legitimar uma posição de poder dentro da disputa hegemônica.

Perante o exposto, nossas latentes preocupações com a ascensão de ideologias de direita e extrema-direita no sistema educacional brasileiro são diversas e sérias. Essas ideologias representam uma ameaça à pluralidade de ideias, à liberdade de expressão e ao respeito à diversidade. Além disso, promovem a desvalorização da educação pública, a precarização do trabalho docente, a limitação do acesso à educação para as classes populares e a disseminação de discursos de ódio e intolerância.

Afetando também a definição dos currículos escolares, priorizando uma visão conservadora e excludente, como na nomeação de gestores e dirigentes educacionais alinhados a esses ideais. Tudo isso contribui para a criação de um ambiente educacional polarizado, que dificulta o diálogo e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e coloca em risco a já tão frágil democracia brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da reflexão exposta, acreditamos não restar dúvidas sobre o papel fundamental da Educação na construção da hegemonia nas sociedades capitalistas. Com sua pluralidade de temáticas e debates, contribui para a formação de

6 De acordo com Mattos (2020) e Leher (2023), o governo Bolsonaro, apesar das tentativas, não chegou a instaurar um regime de caráter fascista, mas sim um governo de aspirações neofascistas, como apresentamos.

sujeitos críticos e politicamente ativos. O que prejudica o anseio por limitar o debate político, amortizando a luta de classes. Com isso, podemos destacar a importância do controle da educação para a ofensiva neofascista do bolsonarismo, que busca propagar ideologias autoritárias e conservadoras.

Para isso, a análise da ascensão e do impacto da extrema direita no Brasil do bolsonarismo é parte crucial para essa reflexão. Tendo em mente que adotamos a perspectiva gramsciana sobre o “Estado Integral” para compreender os aspectos políticos e econômicos da questão, identificamos a necessidade de explorar o conceito de fascismo e seus desdobramentos no cenário brasileiro. Nessa caminhada, ao compreender o fascismo como um fenômeno dinâmico, passível de se apresentar de diferentes formas, nos questionamos quais seriam os fatores que poderiam influenciar seu êxito em um contexto brasileiro. Como resposta, assimilamos a contribuição da Revolução Burguesa brasileira na formação do perfil sociológico brasileiro.

A partir daí, utilizamos essas compreensões para esboçar algumas possibilidades que justifiquem a ascensão neofascista e do bolsonarismo. Com isso, analisamos as estratégias empregadas pelo movimento bolsonarista em seu agressivo avanço na educação. Nelas, identificamos fortes traços do processo de fascistização, como a guerra cultural, que busca eliminar o oponente, e as medidas educacionais que seguem a inspiração fascista de destruição.

Tal processo, que afeta tanto as camadas médias quanto as populares, também se utiliza da estratégia de substituição de mão de obra na educação, uma vez que valoriza a prática em detrimento da teoria, o que é característico do pragmatismo radical fascista. Além disso, são apresentados os projetos educacionais, assim como, outras estratégias bélicas colocadas em prática pela gestão de Bolsonaro, Como por exemplo: a reestruturação de órgãos estatais, a limitação da presença de estudantes da classe trabalhadora na educação e a deslegitimação da escola pública, que têm como alicerce o reacionarismo e impactam a luta de classe e a democracia.

Em suma, toda esta dinâmica, que delineia um ataque à educação e, portanto, à classe trabalhadora, pode ser compreendida pela perspectiva estratégica da contra-revolução preventiva mencionada por Florestan Fernandes. Isto porque esta ofensiva visa enfraquecer e esvaziar as organizações das massas populares, com o objetivo de agravar ainda mais a situação de exploração do trabalho. Portanto, o “outro”, ou o inimigo, indigno de se tornar objeto de políticas públicas fascistas

alicerçadas pelo individualismo neoliberal, fica refém das políticas dirigidas contra o “nós”, ou grupo dominante, e acaba lutando pela sobrevivência em meio à fome, à violência e à privação de cultura e educação. Restando aos inimigos do projeto fascista de educação, a barbárie. Resta-lhes ou resta-nos? A onda marrom exige de nós posicionamento. Pois, o privilégio de ser um mero espectador não está disponível no cenário atual.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, André. Quem são os integralistas, o fascismo brasileiro que mantém seguidores até hoje. **BBC News Brasil**. Rio de Janeiro. 21 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58205709> . Acesso em: 03 dez. 2023.

CALIL, Gilberto. Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização. **Materialismo Storico** – Rivista di filosofia, storia e scienze umane, [S. l.] , v. 9, n. 2, p. 70–122, 2021. DOI: 10.14276/2531-9582.2470. Disponível em: <https://journals.uniurb.it/index.php/materialismostorico/article/view/2470> . Acesso em: 03 dez. 2023.

COLOMBO, Luiza Rabelo. **A Frente Liberal-ultraconservadora no Brasil** – Reflexões sobre e para além do “movimento” Escola Sem Partido . Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, RJ, 2018.

DE FELICE, Renzo. **Explicar o fascismo**. Lisboa, Edições 70, 1978.

DINIZ, C. A. O. O Conceito de contrarrevolução prolongada de Florestan Fernandes: Estado de Exceção no Brasil. **Rev. de Teorias da Democracia e Direitos Políticos** | e-ISSN: 2525-9660 | Goiânia| v. 5 | n. 1 | p.63-81| Jan/Jun. 2019.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: um ensaio de interpretação sociológica. 5a ed. - São Paulo: Ed. Globo, 2006. KONDER, Leandro. Introdução ao Fascismo . RJ: Ed. Expressão Popular, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

LEHER, Roberto (org.). **Educação no Governo Bolsonaro:** inventário da devastação. São Paulo: Expressão Popular, 2023. 272 p.

LÖWY, Michael. **Dez teses sobre a ascensão da extrema direita europeia:** Dez teses sobre a ascensão da extrema direita europeia. 2014. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/noticias/532447-dez-teses-sobre-a-ascensao-da-extrema-direita-europeia-o-novo-fascismo-espreita-o-velho-continente> . Acesso em: 03 dez. 2023.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro:** neofascismo e autocracia no Brasil. RJ: Ed. Usina Editorial, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior:** o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para crise atual. São Paulo, Planeta, 2019.